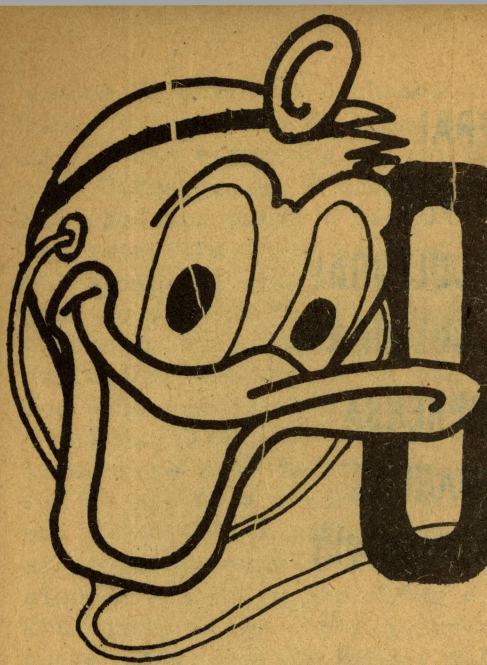




OPATOLOGICO

ORGÃO INFORMATIVO OFICIAL DO CAAL OUT/NOV 87



Creio

que não nos juntaremos na altura.

Creio

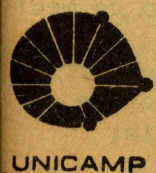
que sob a terra nada nos espera,

mas sobre a terra

vamos juntos.

Nossa unidade está sobre a terra.

— PABLO NERUDA



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

EDITORIAL

EDITORIAL: "DAS LIBERDADES DE EXPRESSÃO E RESPONSABILIDADES"

Foi questão de princípios, definida pela atual gestão do CAAL, a total liberdade aos alunos da FCM-UNICAMP de se utilizarem deste jornal como meio pelo qual pudessem externar suas opiniões pessoais, embora "O Patológico" seja, a priori, o Órgão Informativo Oficial do Centro Acadêmico Adolfo Lutz. A referida liberdade atingiu níveis bastante amplos, haja vista a publicação, inclusive, de artigos francamente contrários à atual Coordenadoria e cujo conteúdo (se é que existiu de fato) aproximava-se muito mais da arrogância e agressividade, que da crítica embasada em argumentos concretos e conscientes.

Portanto, até então, temos permitido a todos os alunos da FCM-UNICAMP utilizarem-se:

- do espaço oferecido pelo "O Patológico";
- da força de trabalho e boa vontade de nossos coordenadores e
- do peso político do qual é dotado o Órgão Informativo Oficial do CAAL para fazer valer suas posições e idéias.

Mas queremos deixar claro que todas as idéias que têm chegado até nós, e as quais temos sempre publicado na íntegra, sem censura ou alterações de conteúdo, não expressam necessariamente a opinião do Centro Acadêmico Adolfo Lutz.

Assim, cabe-nos oficializar:

- a obrigatoriedade da identificação nominal do(s) autor(es) de quaisquer artigos, bem como a auto-responsabilidade para com os mesmos. A ele(s) [autor(es)] reserva-se o direito de publicação integral de suas idéias, exceto por questões de espaço físico no jornal em textos demasiadamente extensos. Nestes casos, os artigos são postergados para a edição seguinte do jornal, sendo seu(s) autor(es) comunicados do ocorrido. Até agora, o único fator limitante para a publicação de um artigo tem sido o espaço físico do jornal.

A atual coordenadoria do CAAL determina, a partir de agora, que serão motivos de não-publicação de um artigo, a coação de qualquer espécie do(s) autor(es) sobre um ou mais membros do CAAL ou a imposição de condições (que não as gráficas) para a publicação de seus artigos.

Mais uma vez, é importante frisar o papel dos Editoriais e dos artigos dos Coordenadores do CAAL (conquanto identifiquem-se como tais em seus artigos) como único posicionamento oficial do Centro Acadêmico Adolfo Lutz.

Coordenadoria - CAAL

EDITORIAL:

"COMUNICA-SE"

O aluno Dair Bicudo Piai, procurou o Centro Acadêmico Adolfo Lutz e explicou o ocorrido no II Show Med, afirmando que colegas de sua turma colocaram Anfetamina em sua bebida.



||
C
A
A
L
87

CLAUDEMIR

MOACYR

MILTON

ARMANDO

GIULIETTA

RUBENS

BOLONHA

CHAPA NOVA

C. GERAL

C. ENSINO

C. S. CULTURAL

C. S. CULTURAL

C. IMPRENSA

C. FINANÇAS

C. PATRIMÔNIO

TERMINANDO

Em todos os Patológicos tivemos o carinho e o respeito de informar e prestar contas aos alunos desta faculdade do desempenho das coordenadorias, os acontecimentos e os programas.

Nesta edição início o assunto avaliando o nosso 2º Seminário de Ensino Médico do Ano de 87. As transformações em relação a Educação Médica têm sido realizadas em todos os seminários anteriores, porém, nós deixamos de divulgá-los e sempre ficou a idéia de que nada acontece após os seminários. Neste 2º Seminário, conseguimos encaminhar mudanças importantes no atual Ciclo Básico, mudanças estas, que definem a função do Básico em relação à FCM. Para o próximo ano teremos a FCM enviando o verdadeiro programa para os departamentos do IB que prestam serviço à FCM. Acredito que esta foi uma das grandes realizações de nossa gestão CHAPA NOVA.

Outro assunto importante é que estivemos em contato direto com os residentes nos informando e também dando opiniões em relação ao problema da residência médica.

Estivemos em Maceió-AL no Congresso da ABEM aprendendo e discutindo assuntos relacionados com a Educação Médica. Muito amadu recemos neste campo e sentimos a necessidade de reestruturarmos nosso Centro Acadêmico, reestruturação esta que está à disposição de qualquer aluno no CAAL.

Tivemos também neste ano o Congresso da UNE na UNICAMP.

Outra boa conquista do CAAL foram as sessões de cinema de arte quinzenalmente ao preço de Cz\$ 40,00 que procuramos junto com a Rede Campineira de Cinemas trazer para os alunos. Houve aqui uma confusão, pois estas sessões foram confundidas com cinema gratuito, e a idéia, antes de qualquer coisa, é de trazer trabalhos de diretores famosos para que os alunos vissem não só o filme mas também conhecessem um pouco mais sobre cinema. Trouxemos entre outros, Orson Welles, Fellini, Carlos Saura. Acredito que isto é o que de melhor uma sessão de arte pode apresentar, portanto, nós conseguimos o espaço e o apresentamos a vocês, só falta utilizar.

Estamos fechando assunto em relação à xerox. O CAAL está alugando duas máquinas de xerox para atender os alunos, funcionários e docentes; provavelmente começará a funcionar em dezembro. Espero que este espaço vocês também utilizem.

Compramos um vídeo-cassete para oferecermos sessões de vídeo ao meio-dia para os alunos, só estamos esperando o aparelho chegar.

Neste último momento de Coordenador Geral é isto que tenho para apresentar, e gostaria de agora agradecer aos alunos que confiaram no nosso trabalho e por momento nenhum duvidaram da nossa honestidade e amor com que vemos o CAAL. Agradeço os colegas que nos momentos de aperto estiveram presentes; Marco Aurélio, Manuel, Jorge Shoei, Luís Fernando e também à Medicina Legal, Departamento muito importante para que o curso de Ética Médica fosse realizado e tivesse tanto sucesso.

FORTE ABRAÇO
CLAUDEMIR B. RAPELI
Coord. Geral - CAAL

EDUCAÇÃO MÉDICA

RELATÓRIO DE SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO MÉDICA

(Realizado em 21 de outubro de 1987)

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS/UNICAMP

I - TEMA E DINÂMICA DOS TRABALHOS

O tema "AVALIAÇÃO: Para Quê?" foi discutido por grupos de professores e alunos, constituídos cada grupo de oito a nove pessoas.

A discussão do tema seguiu um roteiro de perguntas, previamente elaborado, visto que este Simpósio tinha como objetivo colher subsídios para elaboração de um instrumental de avaliação do Curso Médico, como um todo.

A dinâmica dos trabalhos ficou assim distribuída:

MANHÃ - discussão, pelos grupos, do roteiro de perguntas abaixo descrito:

1. Avaliação quanto ao curso:

- a) O que vamos avaliar?
- b) Para que avaliar?

2. Avaliação quanto aos sujeitos do processo pedagógico (professor e aluno):

- a) Por que avaliar o aluno?
- b) Quais as formas mais adequadas de avaliá-lo, de maneira que possamos garantir que as competências definidas como prioritárias foram adquiridas?
- c) A avaliação do curso passa também pela avaliação do professor? Por quê?

TARDE - discussão em plenária das propostas levantadas pelos grupos e aprovação dessas propostas.

II - PROPOSTAS APROVADAS PELA PLENÁRIA

II.a. Propostas levantadas tendo em vista o Roteiro de Discussão:

- O que vamos avaliar?

Vamos avaliar o profissional que estamos formando, no referente:

- a) à sua qualificação
- b) ao compromisso social da proposta do curso
- c) à relação médico-paciente

Devemos avaliar também o curso no que diz respeito:

- a) a parte teórica
- b) a parte prática
- c) aos objetivos propostos pelas disciplinas
- d) a metodologia
- e) a relevância desses pontos dentro da proposta de formação de médicos gerais, pesquisadores e assistência médica.

- Para que avaliar?

Para detectar falhas e corrigi-las;

Para orientar melhor os programas curriculares tendo em vista a formação do médico geral;

Para diagnosticar e orientar o currículo visando um profissional bem formado e voltado para as necessidades sociais;

Para verificar se os objetivos propostos pelo Curso da FCM estão sendo atingidos e garantir um retorno para a sociedade.

- Por que avaliar o aluno?

Para garantir a aquisição das competências definidas como prioritárias à formação geral do médico.

Para verificar se ele está assimilando o que está sendo ensinado.

- Quais as formas mais adequadas de avaliar o aluno de maneira que lhe possamos garantir que as competências definidas como prioritárias foram por ele adquiridas?

A avaliação deverá ser contínua (no dia-a-dia) e bidirecional (professor-aluno, aluno-professor).

A avaliação deve abranger o perfil teórico, o perfil prático e o perfil humano.

A avaliação não deve ser só no final do curso, mas contínua.

- A avaliação do curso passa também pela avaliação do professor? Por quê?

O Professor deverá ser avaliado para que se possa reivindicar do docente a garantia mínima do que deve ser dado na disciplina, visando a proposta geral do curso (formar médicos gerais, pesquisadores e assistência médica, compromissados com as necessidades sociais).

O Professor deverá ser avaliado e os departamentos deverão usar essa avaliação para as promoções.

Obs.: Para que não se cometa injustiça em relação à avaliação individual, revise em conjunto o resultado da mesma, só se encaminhando as avaliações que refletissem a opinião geral do grupo (triagem).

O Professor deverá também ser avaliado pelo departamento ao qual pertença.

II.b. Outras propostas levantadas pelos grupos de discussão e aprovadas pela plenária

- A FCM deverá fixar em Calendário Escolar uma data para realização dos Seminários do Ensino Médico, com paralização não só das aulas mas também das atividades essenciais.

- A FCM deverá reavaliar os programas das disciplinas a fim de adequá-los com a proposta do curso médico, de formação do médico geral.

- A FCM deverá se posicionar em relação ao CB (Ciclo Básico) a nível de Congregação, colocando para o Instituto de Biologia suas necessidades, e caso não sejam acatadas pelo IB, a FCM deverá assumir esse curso.

- Que a avaliação seja obrigatória, dos departamentos, e se realize de maneira contínua, dinâmica e bidirecional professor e aluno.

- Colher dados sobre o Curso Médico, de ex-alunos da FCM (residentes, médicos dos postos, etc.) e alunos que já cursaram a disciplina em questão, para melhor avaliação do curso.

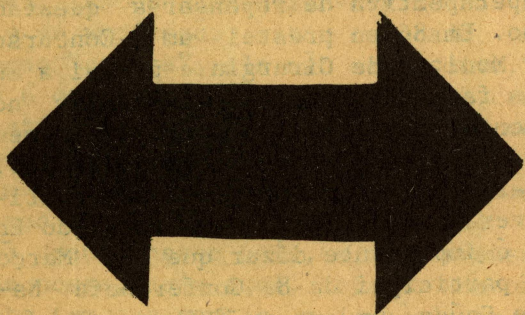
- A Comissão de Ensino deverá dar ampla divulgação:

a) aos relatórios finais dos seminários

b) às transformações realizadas a partir desses seminários, através do jornal da UNICAMP, do PATOLÓGICO (Órgão Informativo Oficial do CAAL) e do envio direto aos professores e alunos.

Coordenadoria Geral - CAAL

Aguarde!



em breve

POESIAS

FRAGMENTOS

"Fiz de mim o que não soube,
E o que poderia fazer de mim não o fiz.
O domínio que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho
Já tinha envelhecido".

Fernando Pessoa
Tabacaria (trecho)

"Não compreendo, diz o sábio, por que vocês, Lemmings*, se precipitam para o oceano e se afogam. Como é curioso, diz o Lemming. A causa que não entendo é por que vocês, humanos, não o fazem".

* Animaizinhos silvestres

James Thurber
Diálogo com um Lemming

"O que chamamos de "luto" talvez não seja a dor que nos inflige a impossibilidade de ver os nossos mortos voltar à vida, senão a outra que experimentamos diante do fato de sermos incapazes de desejar tal coisa".

Thomas Mann
A Montanha Mágica

Colaboração: Cláudio Banzato (60 ano)
e Ana Vitória (50 ano)

HOMEM CEGO

Eu vi um homem cego
Pela intolerância, insensatez e medo
...e eu o toquei...
Com minhas mãos frágeis
Teu olhar perdido
e minhas palavras sem sentido...

Ele sorriu
Nada disse
e pôs-se a chorar...

Contou-me
que sua cegueira vinha do desespero pelo que via...
...pelo que já tinha visto
e seu medo por saber que tudo aquilo ainda acontecia
e sua intolerância advinha pela incapacidade para suportar tanta dor...

Esse homem sofre
Com a insensatez do outro
Com o silêncio de todos
Esse homem é um pouco de cada um de nós...
que ri, chora, fala e cala.

Esse homem é Você
que não vê o porquê de estar por aqui
e não sabe para onde ir...

Homem tolo
só

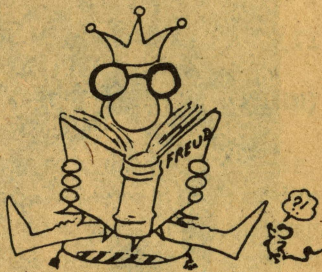
Homem
Cego mundo homem
Que espera o amanhã
Que sabe sem solução

Que espera a morte
... para não mais sofrer
ferindo suas mãos com a pena
e o coração com a Vida...

"... Espelho d'água ME LEVA DAQUI, POIS NÃO AGUENTO MAIS..."

Medicina
Guilherme - UERJ

CRÔNICA



PSIQUIATRIA

Os casos A.C.M. e D.C.M.

Outro caso famoso é o do Sr. A. C. Minúsculo, que possuía um monstruoso complexo de superioridade. Este complexo lhe trazia inúmeros problemas, tais como comprar roupas muito largas, ter que assoar o nariz com lençóis e gastar xampu demais no banho.

Seu problema foi contornado de forma bastante criativa e original: O Sr. Minúsculo foi internado por um mês na companhia de D. C. Maiúsculo, tido como o maior complexo de inferioridade da época e famoso em toda Europa por seus bolinhos de espinafre e gengibre. O choque de ficar um mês comendo bolinhos de espinafre (melhores que os seus) preparados por um sujeito que, para pegar a farinha, tinha que subir em um banquinho e dezenove volumes da Barsa, curou-o definitivamente.

Saiu do sanatório completamente mudado: trocou seu caminhão por um Fiat, tirou a piscina do banheiro (era a pia), doou sua coleção de colírios e entrou para um escola de culinária, especializada em bolinhos de espinafre.

Tudo correu bem por cerca de dois anos, quando Minúsculo tentou processar o seu analista que, segundo ele, fora o responsável pela perda de seu cargo de alta cúpula: pintor de abóbodas de igrejas barrocas.

Rui. 6º ano

ENTREVISTA

ENTREVISTA: ARMANDO DE NEGRI FILHO

Armando De Negri Filho, 25 anos, é 50 anista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, presidente do Centro Acadêmico Sarmiento Leite, vice-coordenador do DCE-UFRGS e presidente da DENEM. É também autor de uma revolucionária Proposta de Reestruturação Global do Ensino Médico, que foi aprovada no ECEM de Fortaleza, e que agora está sendo debatida e divulgada pelos C. As. das escolas médicas do Brasil.

Justifica essa sua atuação tão dinâmica e contagiante uma formação um pouco incomum para um estudante de Medicina: Armando estudou o 1º e 2º graus num colégio experimental que faz parte da Faculdade de Educação da UFRGS, numa época em que as manifestações estudantis começavam a ressurgir; passou um ano na Europa estudando e viajando; trabalhou em 82 como fotógrafo policial num jornal multipartidário, e só então optou pela Medicina (em detrimento do Jornalismo), ingressando na UFRGS com 20 anos.

Este gaúcho simpático esteve conosco nos dias 12 e 13 de Maio para participar do nosso Seminário de Ensino Médico (o qual não se realizou exatamente como um seminário devido à nossa greve, mas sim como um debate que contou também com as presenças do Prof. Dr. Philadelphos - Diretor da FM-UFGM e da Dr.ª Elza Cotrim Soares, da Comissão de Ensino da FCM-UNICAMP e aproveitamos a ocasião para entrevistá-lo para o nosso "Patológico". Além de mim, (Giulietta), participaram desse bate-papo



Armando (em primeiro plano) no Seminário de Ensino

que se estendeu por mais de uma hora, o Mixirica, Denise (XXIII) e Aninha (XXI).

Trazemos aqui alguns trechos mais importantes dessa entrevista, a qual, por ter sido demasiado longa, não será publicada na íntegra.

O Patológico - Quando foi que você começou a se envolver com política estudantil? Como foi o seu início no Movimento Estudantil?

Armando - "Eu participei um pouco na escola secundária em 77, quando havia recommençado as movimentações estudantis. Eu era estudante do Colégio Aplicação, que é um colégio experimental que funciona dentro da Universidade, e faz parte da Faculdade de Educação da UFRGS. 1977 foi uma época em que se retomou a atividade estudantil na Universidade, e o colégio onde eu estudava, apesar de ser de 1º e 2º grau, por estar dentro da Universidade me possibilitou participar de algumas manifestações. Isso foi importante por mostrar que havia uma outra realidade a ser combatida.

O Patológico - Como surgiu essa oportunidade de você ir a Europa?

Armando - "Em 79, eu fiz uma série de exames e ganhei uma bolsa de estudos na Bélgica, onde eu fiz o 4º ano do 2º grau. E lá, como eu tinha oportunidade de escolher as matérias, eu escolhi línguas estrangeiras, história, geografia e literatura".

"América Latina: há uma estrutura toda voltada para o objetivo de manter um poder dominante, uma exploração econômica, uma exploração social que está impressa numa estrutura desde a época colonial à atual, ligada ao Imperialismo".

O Patológico - E as atividades políticas na Bélgica?

Armando - "É proibido a qualquer estrangeiro ter uma atividade política aberta. Mas esse foi um período em que eu me aproximei de vários grupos políticos e pude, assim, aumentar minha cultura política. Eu convivi muito com exilados, com colônias de exilados da América Latina principalmente, mas também com muitos grupos do Oriente Médio, da África, da Ásia. Recebi muita informação, ao contrário daqui, porque nessa época, por causa de período autoritário, se tinha pouca informação. Então isso me permitiu aprofundar a informação a respeito da própria América Latina, através de uma série de estudos e leituras. Isso me colocou claramente o problema político da América Latina, que é um problema, no meu entender, bem complexo: há uma estrutura toda voltada para o objetivo de manter um poder dominante, uma exploração econômica, uma exploração social que está impressa numa estrutura desde a época colonial à atual, ligada ao Imperialismo.

O Patológico - E como foi a volta ao Brasil?

Armando - "A volta foi brutal. Quer dizer, quando se volta de um sistema onde se tenha uma democracia liberal estabelecida e chega aqui... então, é um choque! Eu voltei com outros latino-americanos. Tinha um companheiro chileno que estava muito apreensivo em relação à volta dele ao seu país, que estava numa instabilidade total. De repente, uma menina paraguaia cai na realidade e diz assim: "Pô, e agora o que é que eu vou fazer com o meu poster do Che Guevara?" Porque durante o ano que ela passou lá, ela se esqueceu que era proibido levar poster do Che Guevara ao Paraguai, e teve, então, que se desfazer dele. Essas coisas assim me fizeram uma reintrodução. Apesar de todo o contato que eu estava tendo com os exilados, com os problemas permanentes da América Latina, pude sentir que eu estava num outro universo. Então, quando a gente volta, o choque é muito grande".

"Vocação! Isso não existe! Vocação é uma coisa que se cria, quer dizer, a capacitação é uma coisa que se cria".

O Patológico - E a ideia de fazer Medicina surgiu lá?

Armando - "Antes eu já tinha uma ideia, até já tinha começado um curso de instrumentação cirúrgica para tomar mais contato com a coisa. Mas foi lá na Europa que eu fiz essa opção pela Medicina. Foi uma opção intelectual, não foi uma..."

O Patológico - Vocação?...

Armando - "É, vocação! Isso não existe! Vocação é uma coisa que se cria, quer dizer, a capacitação é uma coisa que se cria. Bom, daí quando eu voltei eu decidi definitivamente pela Medicina em detrimento do Jornalismo. Estudei, fiz vestibular e passei. Na UFRGS tem duas entradas: uma em Março e outra em Agosto. E eu passei em Agosto.

O Patológico - Mas e a Medicina? Como foi seu envolvimento com o curso e com o Movimento Estudantil na Medicina?

Armando - No início de 82, logo depois do Vestibular, teve uma apresentação do programa aos estudantes de Medicina. Oras, por que é que eu tinha escolhido Medicina? Era porque eu queria participar de alguma coisa que fosse de dimensão social. E eu chego lá na apresentação do curso, os caras me apresentam o currículo e eu peço a palavra. Todos os colegas quietinhos, porque nunca tinham ouvido falar porra nenhuma... E daí, eu levanto e peço a palavra: "Mas eu quero saber o seguinte: onde está a dimensão social desse currículo? Eu quero fazer uma Medicina mais voltada para a realidade!" E isso foi um choque: "O que é que esse cara está tentando aí no primeiro dia?!" Inclusive meus futuros colegas de

Movimento Estudantil, de Centro Acadêmico, estavam lá também, eram um pouco inexperientes e um deles disse assim: "Bom, isso aqui não é aldeia S.O.S.". E eu disse para ele: "É claro que isso não é aldeia S.O.S., mas tem que ter algo de social no meio disso tudo!" Isso foi o meu início na faculdade de Medicina".

O Patológico - Você começou logo a participar do Centro Acadêmico?

Armando - Eu entrei em Agosto na faculdade, daí em Outubro eu concorri numa chapa que se formou, mas nós perdemos para o PC do B. Daí, eu me recolhi um pouco em fins de 82 (isso perdurou até 83) e eu me retirei da política estudantil. Mas nesse período que eu me retraí, eu aproveitei para fazer uma outra coisa, que foi consolidar uma certa carreira acadêmica e poder me dedicar à própria questão do aprendizado da Medicina. E isso me levou a que em 1984 eu ingressasse como monitor da Medicina Preventiva e Saúde Pública, e passasse a ter uma perspectiva diferente do que é o ensino. Eu comecei a me envolver mais e comecei a questionar a estrutura do ensino. Daí, em 84 eu comecei a participar com essa nova perspectiva do que é a vida acadêmica e, sem dúvida nenhuma, isso tem a ver com o fato de eu ter começado a namorar com a pessoa que é hoje minha mulher, que já estava mais profim do curso e me imprimiu uma série de noções do que era o curso de Medicina, no sentido assim de... para onde é que a gente pode, dentro do curso de Medicina, estabelecer certos parâmetros de um curso diferencial. Isso foi uma coisa importante, que me deu uma visão diferente, porque eu estava fazendo o curso de Medicina; até então, sem me envolver na essência do curso, no sentido de querer modificá-lo, porque eu achava que na verdade, não adiantava mexer naquilo. Então, eu estava mais a fim de fazer o meu curso e acabá-lo logo. E quando eu comecei a me envolver, a partir daí, com monitoria e pesquisa, me ficou bem clara uma característica que eu procuro fazer, que é não dissociar a questão política da questão técnica. E isso constitui, na verdade, uma política que nós adotamos lá no Centro Acadêmico. A maioria do pessoal que participa de C.A. tem bolsa de pesquisa, é monitor, e para nós, isso é muito importante para garantir respeito e credibilidade à nossa entidade. Nós rompemos com a visão clássica do militante que é mau estudante.

O Patológico - E por essa época vocês estavam organizando o ECEM de Porto Alegre, não? Apesar do trabalho (e agora somos nós que estamos sentindo isso sediando esse ECEM), se cresce muito, a nível individual e a nível de escola, organizando um ECEM. Qual foi a importância do ECEM para você?

Armando - É, em 84 nós já estávamos organizando o ECEM. Daí, teve a greve dos federais, e o ECEM ficou para 1985. Esse ECEM foi um momento importante, foi quando se falou pela primeira vez em Epidemiologia Social, baseado nos trabalhos práticos que vínhamos fazendo no C.A. Sarmiento Leite. E com a realização do Encontro se consubstanciou para mim uma visão mais crítica da Medicina e do Ensino, e eu passei a me interessar mais por isso, com base nas experiências das atividades comunitárias que eu tinha tido.

O Patológico - E foi aí que você começou a formular a proposta de Reformulação Global do Ensino Médico?

Armando - Bom, eu encerrei o ano de 1985 com uma perspectiva de repensar a questão do Ensino. Em 86 eu prestei um Concurso para ser Monitor de Cirurgia e passei a me dedicar a fazer uma série de melhorias no Departamento. E aí começou a crescer o meu envolvimento com a questão do Ensino Médico, de eu querer criar uma proposta alternativa para ver se melhorava a realidade do Ensino. Aí é importante dizer que em Março de 86 eu participei da 8ª Conferência Nacional de Saúde, em que eu fui um dos delegados da UNE, um dos 5 delegados escolhidos em plenário pelos C.As. de Biomédica. De forma que foi muito importante o contato com a nossa estrutura quanto à questão da Saúde. Então, essa proposta de

SOBRE O CAISM...

GUERRA DO VIETNAM (II)

(Trabalhar no CAISM)

Gostaríamos de esclarecer aos leitores deste jornal, que não são todos os alunos do atual 5º ano médico que compartilham e/ou aceitam as opiniões de nosso colega Fernando; simplesmente as respeitamos.

Queríamos deixar claro:

- 1) O CAISM, ou o departamento de tocoginecologia, oferece um dos poucos estágios da FCM voltado para o internato e onde não somos considerados meros guardinhas (exceto no CeCAM);
- 2) Sabemos que o atendimento no HC como um todo (incluindo o CAISM) está longe de ser ideal, mas gostaríamos que os leitores tomassem conhecimento do atendimento aos pacientes nos hospitais da vida, longe do nosso academicismo;
- 3) Talvez a relação interno-paciente descrita - "Abre as pernas que vou por aparelhinho" - tenha sido a experiência própria e em momento algum refere o tratamento e a relação da maioria dos alunos;
- 4) Com relação ao "colocar a mão na massa e se lambuzar" ele acertou, pois se todos virassem teóricos e ficassem atrás das mesas discutindo o sexo das borboletas, a saúde seria pior do que já está. No curso de medicina, medicina mesmo, temos que aprender procedimentos fazendo e colocando "a mão na massa" e é no CAISM o local onde mais se faz isso até o 5º ano. Obs.: A maioria aprendeu a pegar num porta agulha no C.O. Já pensou um médico que não sabe pegar no porta agulha, fazer um parto ou simplesmente uma sutura? Deus nos ajude a não cair nas mãos desses médicos!
- 5) Com relação ao uso de nitrato de prata em olho de recém natos, parece que cientificamente é aceito, então o correto seria provar por A + B que tal método não tem valor e é prejudicial ao olho da criança ("ratos gerados sem amor");
- 6) Gostaríamos, também, de ressaltar que: quando nós passamos no CAISM nós não vimos aquele equívoco de "inibir, inibir e inibir" e "induzir, induzir e induzir", vimos sim, um acompanhamento sério que que desejávamos que fosse feito em qualquer outro serviço; ou seria melhor deixar vir ao mundo crianças prematuras ou pós maturas, com todos os riscos de vida que isto acarretaria.

Surpreende que uma posição tão individual e parcial, redigida numa página de nosso jornal pelo colega Ganso, tenha tido tamanho alcance, a ponto de termos visto alunos do 1º ao 4º ano questionando sobre o "inferno" que seria o CAISM, a terrível degradação da relação interno-paciente a que se chega nessa altura da nossa formação médica. Daí a necessidade de colocarmos nossa posição, que não garantimos que seja maioria, mas pelo menos deve tranquilizar nossos colegas do 1º ao 4º ano para terem motivação e continuarem em frente (lutando sempre por melhorias) com disposição para tirar do curso que nos é oferecido o melhor possível, sob o aspecto profissional e humano.

CYRILLO, DARIO (que nasceu de fórceps)
JOÃOZINHO, HIGINO, MARCELO, WAGNER,
e JOSÉ LUIZ

UM DIA, NÃO HAVERÁ MAIS VIETNAMS

Gostaria, inicialmente, de parabenizar o interno Fernando (Ganso) pelo seu artigo "Diário do Vietnam" publicado no último "O Patológico". É impressionante a sensibilidade e capacidade que o futuro colega tem de identificar e se emocionar com alguns dos inúmeros problemas existentes em nosso escolástico nosocômio - CAISM.

criar uma forma organizativa superior de Ensino Médico começa a se articular, principalmente depois da minha participação na 8ª Conferência. Bom, então a proposta de reforma de ensino foi apresentada pela primeira vez, num Encontro Regional dos Estudantes de Medicina em Florianópolis, em Abril de 86, como uma proposta individual minha. A partir disso foi proposto, então, que no ECEM se desenvolvesse um curso de Ensino Médico que eu administraria. Foi o que aconteceu em Fortaleza. E eu apresentei essa proposta de reformulação radical do ensino, que veio depois a ser aprovada como deliberação do ECEM.

O Patológico - No ECEM de Fortaleza também aconteceu outra coisa importante que foi a criação da DENEM. Como surgiu a idéia de formar a "Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina"?

Armando - Bom, em 86, teve um Congresso da UNE em Goiânia, onde houve aprovação para eleições diretas da UNE. E na articulação de uma chapa eu saí como candidato à Secretaria de Biomédicas. Daí eu fiz Campanha em Santa Catarina, no RGS, no interior, em várias escolas. Teve, então, as famigeradas eleições em que houve o problema das fraudes. E foi uma grande desilusão para nós, porque tínhamos nos empenhado muito em fazer uma campanha correta, sem ficar simplesmente atacando os outros, mas uma campanha baseada em propostas, tentando mobilizar os estudantes para reconstruir a UNE. E em cima disso, refletindo sobre o que aconteceu, eu propus, inicialmente ao C.A., em Junho, tentar simplesmente organizar os estudantes de Medicina numa base mais forte, dentro de uma base de uma Federação dos Estudantes de Medicina. Então, nós resolvemos colocar essa proposta no "Bisturi", o jornal do nosso C.A., e que foi distribuído no ECEM de Fortaleza. Colocamos lá uma coluna falando da proposta de criar uma Federação, e isso criou muita polêmica porque primeiro, a proposta não tinha sido discutida em nenhum Centro Acadêmico, e depois, porque as eleições da UNE estavam incertas, e muita gente achou que isso era uma tentativa de criar uma nova União Nacional dos Estudantes paralela. Então houve toda uma discussão que ficou muito marcada por essa perspectiva, quando na realidade, o objetivo era organizar os estudantes de Medicina para que eles pudessem tocar adiante as suas reivindicações e evitar que um ECEM fosse uma ilha, seguido de um oceano, e depois outra ilha..., sem um ideal, sem conflito, sem realidade! E acho que isso a Direção Executiva tem feito: encaminhado as coisas.

"O profissional médico já não é mais ligado à estrutura social, ele é um técnico em Medicina que manipula a técnica, e que procura ao máximo, pelo processo de desenvolvimento histórico da profissão, estar colocado numa situação "neutra", ele não se envolve, a gente é ensinada a não se envolver com o paciente".

O Patológico - É muito aberrante no curso de Medicina a perda da participação social do estudante. A que você acha que isso se deva?

Armando - É uma razão estrutural que é a própria forma como o ensino está organizado numa sociedade capitalista. É uma coisa que eu tenho falado sempre: o profissional médico já não é mais ligado à estrutura social, ele é um técnico em Medicina que manipula a técnica, manipula os instrumentos, equipamentos, e que procura ao máximo, pelo processo de desenvolvimento histórico da profissão, estar colocado numa situação "neutra", ele não se envolve, a gente é ensinado a não se envolver com o paciente. Isso não só é impossível, como é altamente negativo, essa idéia do não-envolvimento. Então, o que nós precisamos hoje é nos envolver, no sentido de que cada pessoa doente nesse país, é de responsabilidade nossa, seja aqui, seja no Amazonas. A gente tem que sentir um compromisso pela evolução desses problemas. É claro que quando se fala isso não adianta um compromisso pela evolução técnica desses problemas de Saúde, eu estou falando de uma coisa maior, que é o compromisso da resolução

dos problemas sociais, que significa um compromisso com a transformação social. E esse compromisso quando entra na cabeça de uma pessoa de forma real deve transtornar a sua mente até a sua morte, quer dizer, tem que se tornar uma fixação. Eu acho que não se faz Revolução sem obsessão. Então a pessoa tem que se tornar obcecada pela transformação, pois só assim nós podemos alcançar uma saúde pra todo mundo, uma transformação social.

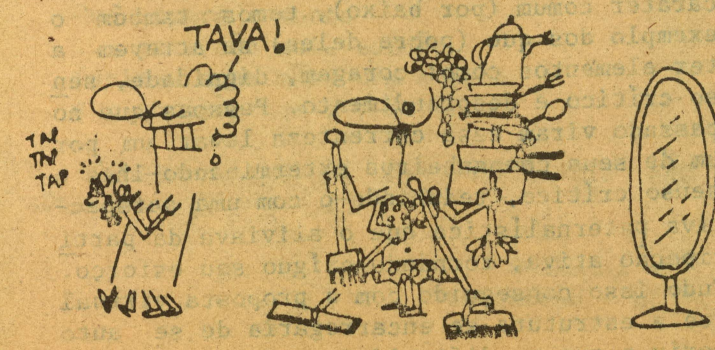
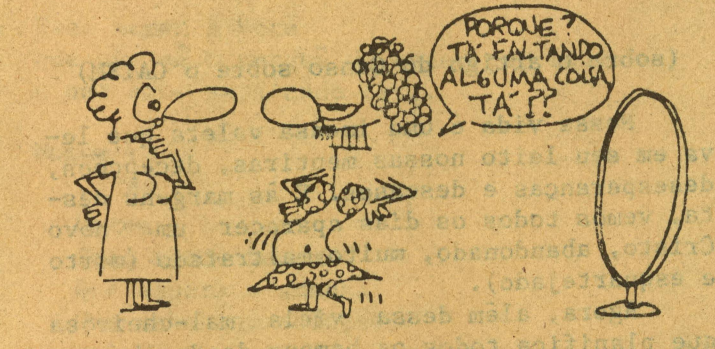
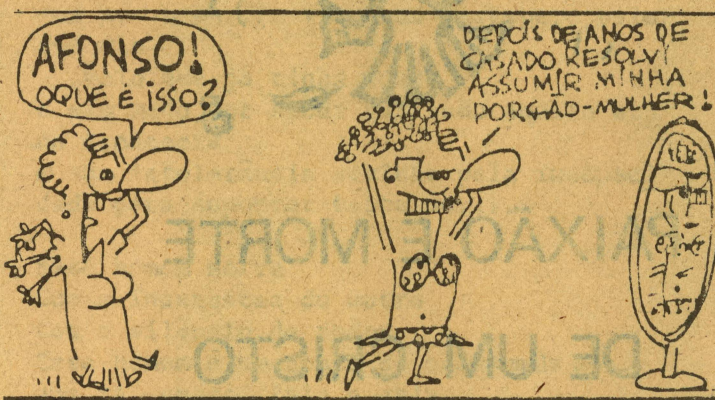
"O que nós precisamos hoje é nos envolver, no sentido de que cada pessoa doente nesse país, é de responsabilidade nossa, seja aqui, seja no Amazonas".

O Patológico - Você tem uma preferência partidária?

Armando - Eu sou do Partido dos Trabalhadores. Bom, quanto ao indivíduo, eu tenho uma identidade política ligada ao PT, mas quanto presidente da DENEM, eu tenho uma identidade política que é aquela vinculada às propostas aprovadas no ECEM, nos CONEEM e que constituem a base política da nossa entidade. A diferença, entre essa postura político-partidária-individual, que deve ser individual, e aquela postura política na direção de uma entidade é que no final, se extrapolarmos a postura partidária do indivíduo para a entidade, nós vamos tornar essa entidade um aparelho político de um determinado partido ou corrente de um determinado pensamento político, e isso vai fazer que essa entidade deixe de ser uma estância representativa de um setor, de uma categoria, para se tornar, ao contrário, uma entidade que vai carecer de qualquer base de sustentação. A velha política aparelhista das entidades é uma condenação histórica da viabilidade organizativa do Movimento Estudantil, que tem prevalecido nos últimos anos, a partir da reconstrução da UNE, e cujo resultado é esse que nós vemos hoje: uma UNE que não existe e que não representa os estudantes universitários do país. Então, eu acho que é bom e até incentivo que as pessoas tenham uma identidade político-partidária individual, mas elas devem se despir dessa identidade partidária no momento em que elas assumem cargos representativos de um movimento que não tem identidade partidária nenhuma. Essa é a única maneira de manter a unidade do movimento e manter a seriedade das propostas que ele delibera.

por Giulietta Cucchiaro
(Coord. Imprensa)

-(MAIO - 87)



Sem dúvidas, o CAISM tem apresentado, ao longo de sua ainda curtíssima existência, uma série de problemas técnicos e estruturais. Problemas estes em íntima relação com a estrutura de poder e com o enorme contingente de desafios que se coloca aos agentes da saúde, em um país onde se prefere construir obras abstratas e faraônicas como a ferrovia Norte-Sul, enquanto o setor social agoniza com minguiadas esmolas a ele destinado pelos detentores do poder.

Creio que o interno Fernando, no afã de sua catarse delirante, desviou-se um pouco dos inúmeros benefícios que a oportunidade e capacidade de poder, concretamente, através do jornal "O Patológico", exercer algum tipo de crítica construtiva. Crítica que pudesse vir a se somar às inúmeras vozes progressistas que têm procurado, democraticamente, alterar a atual estrutura de poder da sociedade e suas instituições. Acaba, infelizmente, provocando uma verdadeira "Jogação de Merda no Ventilador" que em vez de fazer avançar, pelo contrário, coloca para as pessoas uma posição cética, falsa e em alguns momentos, até mesmo dotada de uma total e absoluta deletéria facciosidade.

Analisemos alguns fatos:
Creio que o futuro colega deva considerar menos lesiva e preocupante a possibilidade de um RN contrair uma conjuntivite gonocócica do que a conjuntivite química provocada pelo uso profilático e eficiente do colírio de Nitrato de Prata. Gostaria de esclarecê-lo que o Brasil foi um dos últimos países a tornar obrigatório o uso profilático do Nitrato de Prata, levando 50 anos desde sua descoberta até a sua aplicação. Sendo que em 1937, ano em que se tornou obrigatório o uso do colírio, a conjuntivite gonocócica era responsável por 55% dos casos de cegueira no Brasil.

Acho também que o futuro colega deveria ter se preocupado mais em entender melhor sobre a aplicação e benefícios causados pelo uso do Fôrceps Obstétrico, não só no que se refere ao Recém-Nascido, mas à mãe. Lembrando-o também que o parto fôrceps não é um parto normal e sim um parto operatório por via vaginal.

Certamente também deve ter ignorado a Patologia Obstétrica onde muitas vidas têm sido salvas pelo controle de fisiopatologia de inúmeras doenças inerentes ao ciclo gestacional (gestação, parto e puerpério); bem como daquelas que se agravam com a prenhez. Quantos e quantos trabalhos de parto prematuros o futuro colega ajudou a controlar e resolver trazendo inúmeros benefícios para os conceitos e suas mães? Mas não, estamos todos equivocados, não devemos induzir nem inibir, as armas terapêuticas acumuladas em anos e anos de investigação científica estão todas erradas e visam única e exclusivamente ampliar o poder de dominação. Devríamos, pelo contrário, orientar nossas gestantes para se dependurarem em cordas de cipó e estancar seu sangramento com teia de aranha e esterco de vaca, certamente, os partos seriam bem mais normais. Afinal, eu sou normalllll!!!

Quanto ao volume de serviço prestado no CAISM, devemos entender duas coisas:
- Primeiro: nossa população, infelizmente, é muito pobre e doente, tendo pouquíssimos locais para receber um atendimento adequado às suas necessidades.
- Segundo: a população de Campinas e região recentemente se viu privada de um atendimento médico mais amplo. Através de uma ação arquitetada, os hospitais privados (orientados pela Federação Brasileira de Hospitais-FBH) romperam convênios com o INAMPS tentando pressionar para não perder as inúmeras vantagens que o regime militar até pouco tempo atrás lhes propiciava. Rompimentos estes que repercutiram sensivelmente na demanda de mulheres ao CAISM, principalmente gestantes. Mas, felizmente, trabalhando muito, cometendo erros, superando e cometendo falhas não ficaram sem um atendimento minimamente necessário.

Infelizmente o estágio no CECAN é, também, um estágio de thanatologia. Infelizmente, por ainda não dispormos de condições técnico-científicas para superar de forma mais eficiente os desafios que as doenças oncológicas têm determinado. Mas, certamente, não superaremos tais desafios abandonando os pacientes à própria sorte do curso natural dessas patologias, como parece propor o caro futuro colega.

Nessa guerra pela vida, sem dúvida, muitas omissões e excessos são cometidos. Nos cabe, porém, procurar entender e superar as condições que propiciam que isto

ocorra dentro de um serviço que além de assistencial, tem também um inequívoco papel educacional e formador.

Temos que entender e transformar nossa realidade sem nos esquecer que nossa realidade é esta. Não nos perderemos em masturbação "intelectual" propondo apagar tudo que se tem, pois tudo que se tem até aqui é errado, é superado, é deturpado. E que a solução para nossos problemas se dará imaginando um sistema novo, puro, virgem e perfeito - DADO.

SONHAR;
"... É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de examinar com atenção a vida real, de realizar escrupulosamente nossa fantasia..."

(V.I. LENIN)

Penso que ainda estamos muito longe de alcançarmos um estágio em que possamos, efetivamente, prestar uma "Assistência Integral à Saúde da Mulher". À sua saúde física. À sua saúde psíquica. À sua saúde social.
"Mulher é muito mais que ter um sexo, é mais quer ser o avesso e o diverso, mulher é muito mais que sofrimento..."

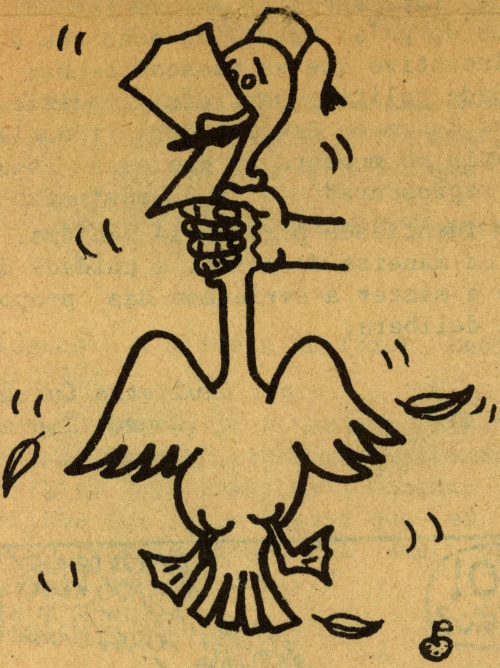
(M. NASCIMENTO)

É preciso muito ainda. É preciso muita luta para que o governo esteja nas mãos do povo. Que a ciência esteja unicamente volta da para a vida e não dividida entre aquelas que desenvolvem a tecnologia da vida e os que desenvolvem a tecnologia da guerra.

Vamos transformar a estrutura de poder e dominação entendendo essa estrutura. Vamos questionar o que deve ser questionado. Se não, nos perderemos sempre na denúncia vazia e sem seriedade que só causará a descrença perpetuando a inércia.

Não desejo desenvolver aqui nenhuma continuidade de debate pois acho que o objetivo mais importante foi alcançado. Agora é com as pessoas, que elas continuem exercendo uma análise crítica e criativa. Espero estar dando minha contribuição.

CASEMIRO DOS REIS JÚNIOR
R₂ DTG = FCM - UNICAMP

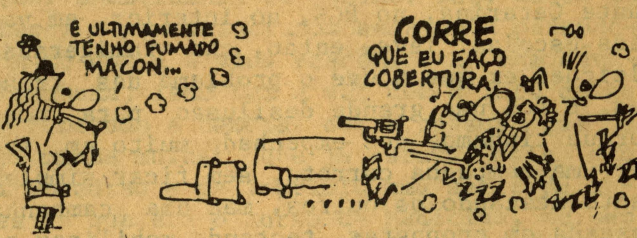


PAIXÃO E MORTE DE UM CRISTO

(sobre o artigo do Ganso sobre o CAISM)

Nossa vida é uma imensa valeta que leva em seu leito nossas mentiras, decepções, desesperanças e descasos. E às margens desta, vemos todos os dias aparecer um novo Cristo, abandonado, muito maltratado (morto e esquartejado).

Agora, além dessa viela mal-cheirosa que planifica todos os homens dando-lhes um caráter comum (por baixo), temos também o exemplo dos que (pobre deles) se atrevem a ter elementos como: coragem, dignidade, senso crítico e desprendimento. Pessoas que no passado viram essa correnteza levar um por um de seus companheiros exterminando-lhes o senso crítico, reduzindo-o com uma perspectiva paternalística que o aliviava da participação ativa, tornando exíguo seu esforço. Tudo isso conseguido com a proposta virtual que a estrutura se encarregaria de se auto gerir e que as dificuldades se superariam



com o rolar dos acontecimentos de forma interdependente. Esses poucos Cristos que optaram pelo sonho com dignidade, ainda que com solidão, ao invés da realidade do mundo hipócrita, e que resumem em si a excrescência e a esperança desse mundo, têm seus pedaços usados para a confirmação do conformismo dos que no passado entraram nessa valeta e se enterraram até o pescoço, tornando quase inviável o retrocesso. E assim, a correnteza percorre não um trajeto ascendente, mas um círculo vicioso, exibindo os sinais de sua hegemonia no mundo: os pedaços dos que foram massacrados pelos dentes da engrenagem, por terem tido a ousadia de ir um pouco além do que lhes competia no sincronismo dessa moenda.

Quem quiser saber como é uma crucificação e como um Cristo nasce morrendo, não perca, pois temos uma em nossos dias. O Cristo é o Fernando, que fez o artigo sobre o CAISM (certamente existem outros ocultos); Herodes são os docentes e residentes da gineco (de certo, não são todos); Pilatos é cada um que no passado sofreu e reclamou na aquele estágio e hoje, silencia-se ou até fala contra (desde internos até os responsáveis pelas bases pedagógicas do internato que se silenciam diante da execração em massa de personalidade e, deformação de pessoa-pacientes, internos, residentes e docentes); Judas, nem precisava, pois em nossa estrutura, os Cristos são seu próprios Judas, mas alguns internos fizeram questão de tomar para si esse papel, talvez para (a exemplo deste), ganhar algumas moedas de ouro no futuro; o povo judeu somos todos nós quando compactuamos com esse julgamento em massa e a condenação de todos os Cristos que expõem o que existe de podre por detrás dos grandes alto-relevos arquitetônicos que resumem a fachada do grande futuro que nos espera.

No artigo feito pelo Fernando no último "O Patológico" sobre o CAISM, nos fatos apresentados, certamente que não existem mentiras (é necessário que se saiba). O que lhe dá a impressão desumana (o que é outra verdade, já que as atividades, não só no CAISM como no resto do HC, são extremamente impessoais) é a abordagem exclusiva do lado negativo (ainda que nem tudo que é negativo tenha sido exposto). Nesse sentido, é necessário que se diga que a alusão feita ao credê e a conseqüente conjuntivite química é um fato verídico, quem quiser expor sua importância, que o faça, mas não deixa este de ser um fato negativo.

Também ninguém vai negar os vários RN com hematomas faciais que muitas vezes comentávamos entre nós, com indignação, além de os riscos do uso de fôrceps estarem em todos os livros de obstetrícia. Portanto, este não é tanto inócuo assim e seu uso sob indicação não fundamentada é perfeitamente criticável. As evoluções vazias de final de semana e também de meio de semana, já que não diferiam muito, totalmente impessoais e desvinculadas. Pastas cheias de pacientes

vazios do qual não tínhamos o devido conhecimento por falta de tempo hábil e deficiência de uma estrutura pedagógica racional.

Minha gente, é necessário que reflitamos: podemos parar e rediscutir todas as bases estruturais pedagógicas do CAISM (idem HC) abordando pelo lado positivo, e nesse sentido podemos falar da satisfação dos internos em "por a mão na massa" e serem cognominados "doutor" pelos pacientes agradecidos pelo grande favor que lhes foi feito, ou ainda, exibirmos todos os protocolos utilizados em cada departamento justificando com os gráficos e curvas que os respaldam, mas é necessário também que reconheçamos os aspectos mutuamente exclusivos que assumem algumas coisas, e uma delas é essa visão positivista de uma ciência impessoal que esquece quem está por trás e pela frente de tudo isso, e nesse sentido, abre-se flancos imensos completamente vulnerável a uma visão mais humana.

Sou favorável à humanização de tudo, e dessa maneira, as atividades mais globais como trabalho, religião, lazer, não devem estar nunca se contrapondo a processos específicos individuais e básicos em toda sua essência para a vida, como: vida de relação, concepção de vida e de morte como processos naturais, sensibilidade, sentimento, amor, carinho e atenção. E se essa contradição ocorre, é necessário se estruturar toda a estrutura, sob pena de se fazer um mal muito maior. Na minha opinião, não há males que vão para bem, apenas se adia o mal acumulando-o, fazendo com que se precipite quando chega a saturação, e aí destrói-se a vida.

É minha gente, "Nesse joguinho, só quem perde é a vida", a nossa vida.

MAURÍCIO (Carioca) 5º ano

PENSANDO NA VIDA

Em certos momentos no decorrer da vida do Homem, este passa por questionamentos que podem levá-lo a algum lugar, a algumas respostas.

Ao chegar à metade do curso de graduação (Médico) este mesmo Homem se questiona e busca respostas. Nem sempre é possível obter tais respostas, mas a consciência de que algo existe a ser questionado e criticado já é de grande valia, somente o parar para pensar já é importante, porém, se a partir desse questionamento nada vier, terá sido uma pena realmente.

O 3º ano médico por suas características curriculares é bastante peculiar, é marcante, e para alguns, até aqui, decisivo. Mas a finalidade aqui não é discutir o ano médico, acadêmico, e sim o que é possível acontecer com um aluno qualquer neste contexto. Por experiência própria, ninguém deixa de aprender alguma coisa e assim foi com a vida neste ano.

Crises emocionais estão presentes, o descontentamento é difuso, chega a perder-se no meio a tantas preocupações. Deixa-se de viver para apenas tentar sobreviver, a tomada de consciência desse fato já é bastante difícil. Como fazer com que seja possível a todos obter essa percepção, fazer essa simples observação?

A filosofia perde seu sentido, o espaço para ela diminui a tal ponto que muitos se esquecem até mesmo de viver. Esse viver perde-se também no meio de tanto o que fazer e nas mais variadas formas de sobrevivência.

Tentar explicar o que vai, ou pode ir, pelas cabeças em conflito nesta fase, seria o mesmo que deliberadamente perder-se num vasto labirinto. Onde está a ideologia criteriosa daqueles que se "responsabilizam pela direção das cabeças pensantes?". É incrível ouvir coisas como essas! Neste ponto, toda e qualquer argumentação parece estar tão confusa quanto as idéias que as justificam. Então quando o questionamento chega ao nível da percepção da manipulação sofrida, do ser subjugado e subestimado, podemos nos defrontar com as mais variadas formas de "escape". De várias formas buscamos dissipar essa culpa em atitudes isoladas ou mesmo tentando mostrar aos outros o que está acontecendo, é inútil. No meio de tanta confusão, tanto o que sobreviver, ninguém se lembra de como é o viver apenas viver.

De todo o sensocrítico necessário à

tomada de postura frente a essa situação, somente emerge aquele embasado na consciência, na pura percepção dos fatos. O preservar da vida particular e dela não abrir mão é fator essencial para um resultado efetivamente satisfatório.

Vivendo um curso sufocante como este, precisamos desviar nossa atenção para coisas mais sérias, coisas que nos pareçam mais importantes, é primordial a cada um sua própria escala de valores. Não é possível continuar, e com sucesso, um curso que não permita que as prioridades individuais sejam respeitadas, o distanciamento dessa escala de valores é extremamente prejudicial e precisa ser barrado.

De que forma?

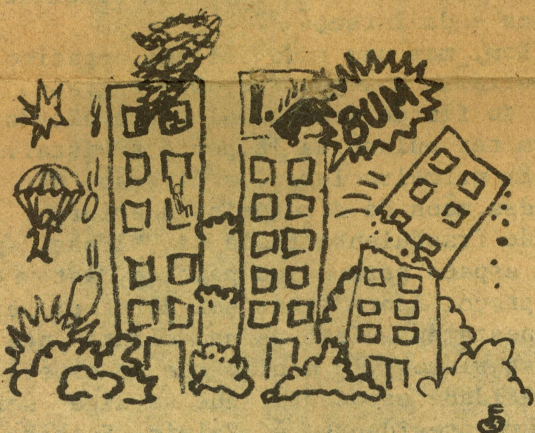
Uma única resposta seria cética demais, é preciso que a busca de respostas seja abrangente, mas a simples percepção de que a vida particular deve ser preservada pode ser o marco decisivo para se voltar a viver.

Segundo as prioridades individuais é preciso valorizar a vida, seja ela expressa pelo interesse familiar ou apenas o lazer, a busca pelo repouso. Não nos cabe discutir essas prioridades, somente argumentar e apoiar posturas individuais frente a essa situação.

Em suma, precisamos frente a essa crise, respeitar as formas pessoais de resolvê-la, aceitando e revertendo a nós mesmos esse questionamento, seguindo na busca. Alguns, felizmente, já encontraram o que estavam procurando, descobriram o ápice de sua escala de valores e a ele se apegaram. Podemos perceber quem são essas pessoas.

Dedicado a quem me fez pensar assim... me encontrar

Armando Lépez Jr.
3º ano



FEUDOS DO IB...

"DEPARTAMENTOS IMUTÁVEIS ("FEUDOS") DO I.B. TREMEI: ESTÁ CHEGANDO A SUA HORA"

Colegas da Med, uma grande notícia: finalmente a tão ansiada reforma no Ciclo Básico da Medicina poderá ocorrer.

Já não era sem tempo. Há muitos anos, alunos e professores da Med criticam o Ciclo Básico da Medicina, dado no Instituto de Biologia. Algumas disciplinas têm conteúdo por demais específico, frequentemente das da mesma forma há 15-20 anos, a maioria não voltadas para a formação de médicos (muito menos de médicos gerais), totalmente dissociadas da parte clínica do curso, há tempo ocioso em excesso, etc.

Consequências:

1) Desestímulo do 1º e 2º anista para o estudo da Ciência Básica (essencial, se bem dada, para a nossa boa formação médica) e o que é pior, às vezes até desmotivação pelo curso médico.

2) O conhecimento que se adquire de forma desintegrada da sua aplicação não permanece: quando chegamos ao Ciclo Clínico do curso, mal lembramos o que sofremos para "aprender" no Básico.

3) O tempo perdido no Básico faz falta no Clínico. Assim a necessária descida de disciplinas do Internato (5º e 6º ano), para o 3º-4º anos não ocorre, porque tais anos já estão excessivamente sobrecarregados com disciplinas "pesadas". Daí acontece o que vemos: o 3º-4º anista quase "pira" para bem levar o curso, após o ócio que é, por exem-

plo, o 2º ano e parte do 1º.

Mas isso pode mudar. O último Seminário de Ensino Médico (de outubro) deliberou que a Congregação da FCM deverá nomear uma comissão (de alunos e professores) para reestudar e redefinir o Ciclo Básico da Medicina, o conteúdo e carga horária de cada uma de suas disciplinas. Baseada em tal estudo a Congregação da Medicina deverá definir aos departamentos do IB, que re-estruturem então as "disciplinas de serviço" que fornecem para a FCM, de forma a adequá-los a seus objetivos e necessidades de formação de MÉDICOS GERAIS.

É agora ou nunca! Vamos nós alunos, de 1º a 6º anos, garantir que tudo isso ocorra de fato!

*Obs.: Há alguns departamentos que não merecem tal qualificação devido a docentes que são honrosas exceções num mar de insensibilidade e intransigência (como o Prof. Anibal com sua Bioquímica Fisiológica). Como infelizmente são casos pessoais isolados, tomo a liberdade de generalizar.

PAULINHO (5º ano)

AMÉRICA LATINA

A intenção do artigo que segue é criar no Patológico uma seção de reflexão e informação sobre a América Latina. Considerando que tal tema, de alta importância sofre sistematicamente boicote e controle político-informativo-ideológico dos meios de comunicação de massa, e que o Brasil está voltado sempre para a Europa e/ou EUA como seu modelo e meta, isolando-se de seus vizinhos - irmãos, um pouco de informações e consciência torna-se urgente e necessário, se é que uma melhoria da vida (e da saúde) deste país estão nos nossos planos.

Alerto que qualquer semelhança é pura coincidência, afinal, o que teríamos nós a ver com estes "povinhos" pobres e atrasados? (Começo com um artigo sobre o Uruguai, pensando em, se puder, publicar em cada Patológico, algo sobre um país latino-americano ou mesmo algum texto geral sobre o assunto).

Charles - 2º ano

Uruguai: Um Povo em Luta pelos Avanços Democráticos

De junho de 1973 a março de 1985, o vizinho país conheceu uma feroz ditadura que pretendeu apagar as conquistas históricas do seu povo. No entanto, a partir do próprio dia do golpe e durante 15 dias, a classe operária unida na CNT (Convenção Nacional de Trabalhadores) manteve uma heróica greve geral marcada pelo apoio do movimento estudantil e de todos os setores democráticos, e que já no início evidenciou a resistência popular contra o golpe facista.

Toda a ação do povo sempre foi ampla, no sentido de que, acima das bandeiras partidárias, o que interessava era a conjunção de esforços contra o totalitarismo que torturava, assassinava, entregava o país ao capital financeiro internacional, acabava com o setor produtivo e era claramente arquitetado pelos setores que representam o imperialismo a oligarquia e o latifúndio.

A saída rumo à democracia foi conquistada com muito sacrifício pela crescente mobilização unitária, com pesado fardo de um período de arbítrio, uma dívida externa asfixiante, desemprego, juventude sem opções, um aparelho militar hipertrofiado, adultos e crianças desaparecidas.

Em novembro de 1984 foram realizadas eleições gerais e resultou vencedor o Partido Colorado, liderado pelo atual Presidente da República, Júlio M. Sanguinetti, o qual, como outros setores políticos (Partido Nacional, Frente Ampla e União Cívica), tinha feito um acordo político em torno de um programa mínimo a ser levado adiante na área econômica, social e de Direitos Humanos.

Após a assunção do novo governo em março de 1985, o que marcou o final da transição democrática, o mesmo seguiu uma sistemática violação de todos os compromissos assumidos, insistindo na área econômica na manutenção da política do FMI (Plano Baker) o que leva milhares de desempregados, sobretudo jovens, a procurar o caminho da emigração, nas cifras assustadoras de 60 pessoas por dia, para um país com menos de 3 milhões de habitantes.

Toda essa política antipopular de governo Sanguinetti precisa para a sua efetivação

de um bloco militar capaz de exercer a função repressiva contra os crescentes protestos populares.

Isto nos permite entender a política que o governo seguiu na área dos direitos humanos, quando após frustradas tentativas de circunscrever os delitos cometidos pelo regime à justiça militar e também de anistiá-los, consegue, no dia 22 de dezembro de 1986, a aprovação da chamada "Lei de caducidade da pretensão punitiva do Estado", na qual renuncia à aplicação do Código Penal aos culpados pelos delitos de lesa humanidade. Os votos necessários foram obtidos com o apoio dos dois partidos tradicionais, com a única oposição parlamentar da Frente Ampla.

Logo após resposta popular não se faz esperar, e, fazendo valer o artigo 72 da Constituição Uruguaia, começa a campanha destinada a colher 550.000 assinaturas de eleitores, possibilitando a convocação de um referendo no qual se pedirá a opinião do eleitorado sobre a lei citada, o que ratificará ou anulará a mesma.

Conhecendo a opinião da absoluta maioria do povo uruguaio, as urnas vão coroar mais uma das suas lutas, com mais um passo na consolidação democrática, levando a julgamento o período mais triste da sua história.

Gustavo Orlando Bonilla Rodrigues
Pós-Graduação Ecologia - UFRGS
(Uruguaio de Rivera, cidade fronteiriça com o Brasil)

38º CONGRESSO DA UNE

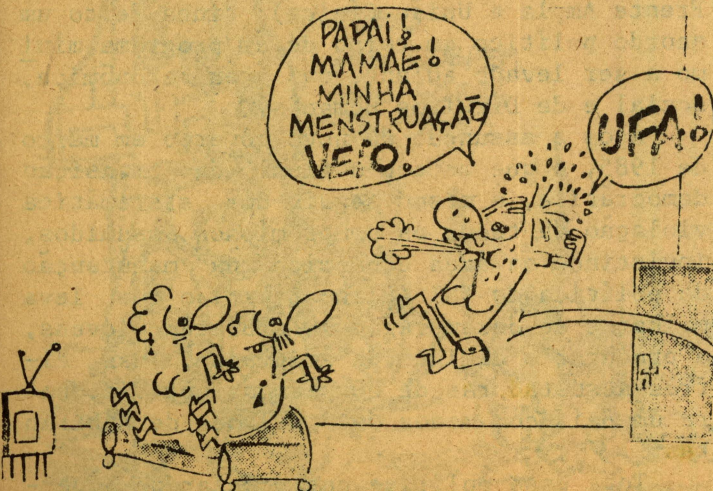


AVALIAÇÃO DO 38º CONGRESSO DA UNE: DECEPÇÕES E ESPERANÇAS

Como representante eleito da med-UNICAMP, juntamente com a Tânia (2º ano) e o Milton (3º ano), no 38º Congresso da UNE, ocorrido aqui na UNICAMP entre 9 e 12 de outubro últimos, me sinto obrigado a fazer um breve relatório (ou desabafo?) do que foi ele.

Sim, desabafo é a palavra certa, pois apesar de tudo o que já vi em termos de política estudantil nos últimos anos (o que, saibam, não é pouco...), ainda assim foi difícil, traumatizante mesmo, viver muitos momentos deste Congresso.

Em primeiro lugar entretanto, antes de criticar, uma ressalva preciso fazer: tecnicamente é uma missão para um ELLIOT NESS de "Os Intocáveis", fazer acontecer um Congresso, com suas discussões, votações, etc, de uma massa humana de cerca de 3000 pessoas. Manjem só o drama, com este exemplo: 3000 estudantes votando determinada questão.



Nova Diretoria Gestão 87/88

Presidente - VALMIR SANTOS (UFPA); Vice-presidente - MILTON PANTALEÃO (UFRS); Secretário-Geral - EUGÊNIO PASQUALINI (UFMG); 1º Tesoureiro - JACKSON (PUC-RS); 2º Tesoureiro - ÁLVARO (UFRGS); Diretor de Relações Internacionais - PAULO FERANDO (UERJ); Diretor de Imprensa - JULIANO CORBELINI (UFRGS); Diretor de Esportes - CARLOS EDUARDO (FESP); Diretor de Ensino e Pesquisa - CORÁLIO GONÇALVES (UCPEL); Vice-Presidente Sul - ALEXANDRE GOULART (UFSM); Vice-Presidente Sudeste - ROGÉRIO FAGUNDES (São Judas-SP); Vice-Presidente Centro

Oeste - HELDER MOLINA (UFMT); Vice-Presidente Nordeste - DIMAS DE OLIVEIRA (UFCE); Vice-Presidente Norte - CARLOS BOTELHO (UFPA); Secretário de Exatas - JOÃO COSTA (UFRPE); Secretário de Biomédicas - ARMANDO DE NEGRI (UFRGS); Secretário de Humanas - WILIAN ALBERTO (UNIV. STA ÚRSULA); Diretor de Cultura - CARLOS WATANABE (Esalq/Usf); Diretor de Assistência Estudantil - ANA MARIA (UFMG); Vice-presidente Sudeste II JOSUÉ SABINO (PIRA) (UFSCAR) e Vice-Presidente Nordeste II - JOSÉ AUGUSTO (UFSE).

Proposta 1 = mais ou menos metade dos presentes erguem suas mãos;

Proposta 2 = outro tanto de gente lhe é favorável. Como saber agora quem ganhou, se por "contraste" isto foi impossível? Conta-se, ora... Formam-se então comissões de sua obtenção da condição de adulto. "Ser jovem e não ser revolucionário é uma contradição", como já disse alguém. Talvez então a "adultice" tenha chegado precocemente a estes nossos colegas, grandes "revolucionários"...

Episódio do Congresso: rola uma discussão importante no Ginásio, quando um grupo de estudantes anarquistas adentra o recinto e inicia um enterro simbólico da UNE. A "presidenta" da UNE (fruto de uma eleição fraudada ano passado) então instiga os estudantes ligados a seu partido (o PC do B) a vingarem esta ofensa. Não deu outra: uma turba enfurecida ataca violentamente a socos e pontapés os pobres anarquistas, só não linchados pela intervenção providencial da turma do "deixa disto". E pensar que o grupo agressor momentos antes cantarolava musiquinhas e palavras de ordem contra a repressão no país... Que revolução pode vir desse espírito doentio, desse "discurso dissociado da prática e da intenção"?

Bom, mas nem tudo foi tão negativo (caso contrário a depressão pós-congresso e a raiva do fim de semana mal aproveitado me fariam ter pulado da 1ª ponte à vista...).

Em primeiro lugar, a direção da UNE saiu das mãos da diretoria anterior, que além de fraudulenta fazia da UNE basicamente um espaço para o seu partido, isto a qual quer preço. Agora temos uma diretoria eleita honestamente (embora não diretamente como gostaríamos), o mínimo que se espera de uma entidade estudantil que se diga séria. Seu novo presidente é Valmir Santos, 25 anos, estudante de história da U.F.P.A., ligado ao PT (Partido dos Trabalhadores), como também o restante da diretoria.

Embora não me iluda quanto à possibilidade desta diretoria vir a mudar em muita coisa a nossa UNE, a situação sem dúvida parece melhor, pois:

1º) Pelo menos parte da nova diretoria parece bastante aberta, não sectária e interessada em trabalhar duro para reerguer a UNE. Faço tal avaliação não pelo fato da diretoria ser ligada ao PT (que em geral, infelizmente, apresentou uma prática tão viciada quanto a dos demais partidos no Congresso), mas sim pelo seu comportamento pessoal.

2º) Conseguimos eleger para a Secretaria de Biomédicas da UNE, o presidente do DENEM (Diretoria Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina), Armando de Negri (med-UFRGS), que tentará fortalecer na diretoria a visão, que defendemos no Congresso, de que a UNE, para se aproximar dos anseios estudantis, precisa começar a trabalhar com as entidades nacionais por curso (já existentes em quase todos os cursos), já que, como bem demonstra o sucesso dos encontros de área (vide ECEM), tais entidades atraem muito mais os estudantes atuais, pois lidam com questões mais palpáveis e próximas des-

contadores oficiais que caminham por centenas de degraus do Ginásio, anotando milhares de votos. Conclusão: resultado da votação conhecido... 2 horas depois!...

Mas isso seria uma "delícia", divertidíssimo mesmo, se não houvesse o resto... Porque moçada, foi deprimente enxergar em boa parte dos delegados: fanatismo (de fazer corar muçulmano xiita!) no seguimento cego da visão de seus partidos políticos (nem uma crítica aqui à partidização política das pessoas, que pode ser muito enriquecedora e positiva se a coerência e consciência crítica individuais não são perdidas); tensão, agressividade e violência (até física) contra visões diferentes da "sua verdade", oportunismo e até desonestidade em certos casos.

Alguém poderia dizer: - Mas que ilusão a sua esperar que numa sociedade corrompida, sem princípios, onde a maioria de seus líderes políticos almejam vantagens pessoais (fazem parte do PCB - Partido Clientista Brasileiro), seu microcosmos, a Universidade e seus aprendizes, os militantes do movimento estudantil, fossem diferentes.

Entretanto não consigo aceitar assim de forma determinista esta dura realidade. Afinal de contas, a rebeldia contra as injustiças e a contestação dos valores estabelecidos e modelos vigentes, são características essenciais do jovem na busca de sua diferenciação dos pais, necessária para que se dê a individuação de sua personalidade e tes como: currículos dos cursos, projetos de ação social na área profissional envolvida (como as Frentes de Trabalho da Medicina que ocorrerão pela 1ª vez em Jan/Fev de 88 em zonas carentes do Norte/Nordeste do país) etc.

Termino este relato firmando a esperança de estarmos iniciando uma nova e positiva fase da vida da outrora gloriosa UNE, em que ela ocupe devidamente o espaço que nos cabe como jovens e estudantes no cenário nacional. Entretanto, para que isso ocorra se faz necessário que os estudantes sejam, antes de tudo, revolucionários de si próprios. Que cada um busque degolar a cada dia, em seus "tribunais revolucionários internos" o autoritário, o conservador, o repressor, o "dono da verdade" que existe em cada um de nós, para que não fiquemos só num discurso estéril, mas que tragamos para nossa vida cotidiana os ideais de democracia, de luta contra as injustiças, de um relacionamento humano prazeroso e decente. Neste dia poderemos ousar, dizer que estamos construindo realmente a Revolução!

PAULINHO (5º ano)

O PATOLÓGICO edição out/
novembro 87
Coord. Textos - Giulietta (3ª)
Diagramação - Giulietta
Carlos BH (1ª)
Ilustrações - Moacyr
Capa ECA - USP
tiragem - 600 exemplares

VAMOS,
RESPONDA!
PORQUE
UFA?

